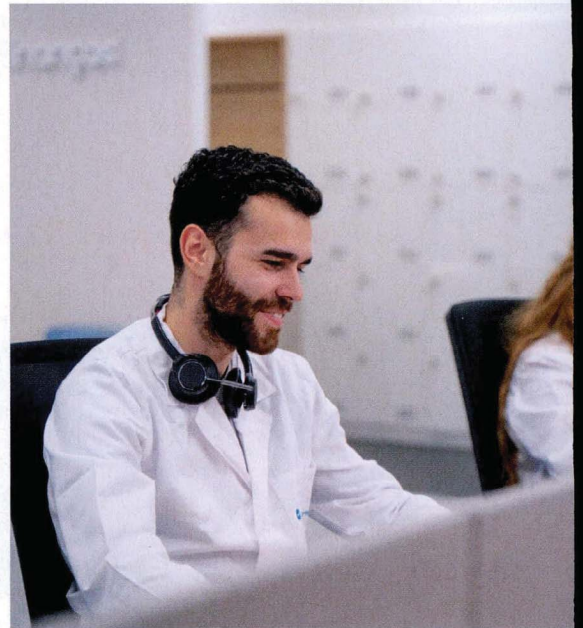


Case Study



DOUTOR FINANÇAS

PREPARAR OS JOVENS PARA A REALIDADE FINANCEIRA QUE VÃO ENCONTRAR

Aumentar o conhecimento financeiro tem sido a grande missão do Doutor Finanças na última década, até porque Portugal é o segundo pior da União Europeia no ranking de literacia financeira. O Banco de Horas é mais uma iniciativa com esse propósito, e tem agora um público-alvo fundamental: estudantes universitários. POR **Tânia Reis**

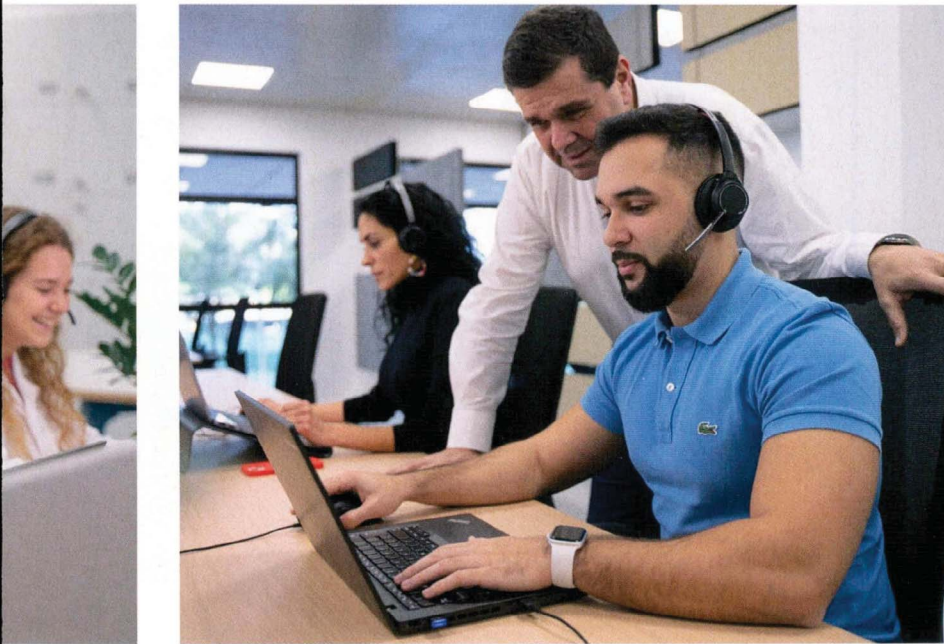
Ajudar as famílias portuguesas a melhorar a sua saúde financeira tem sido o grande desígnio que move o Doutor Fi-

nanças, em parte concretizado através da sua Academia. «Criada pouco depois do início do Doutor Finanças, existe para disponibilizar formação em finanças pessoais, a toda a população, de forma

transversal», explica o seu responsável, Sérgio Cardoso, Chief Academic Officer (CAO) do Doutor Finanças.

Uma década, vários prémios e milhares de horas de formação depois, o mais recente projecto de literacia chama-se Banco de Horas, «uma iniciativa que permite disponibilizar formação em finanças pessoais a quem não tem condições para suportar esse investimento», que conta com o apoio de parceiros que se juntaram à iniciativa e escolhem o número de sessões que desejam apoiar, de forma a contribuir conjuntamente para o aumento da literacia financeira. «Na prática, é uma bolsa constituída por tempo. Tempo esse que pode ser “comprado” por entidades que queiram contribuir para a melhoria do bem-estar financeiro da sociedade», resume.

Criado em 2023, já permitiu realizar 28 sessões «e estão agendadas mais 46, a ocorrer proximamente», conta o responsável, acrescentando que acumularam cerca de três mil horas de formação e cerca de 1500 formandos. Ainda assim, para que esta missão possa ser levada a mais pessoas, «é fundamental tornar este projec-



to mais robusto. Quantas mais entidades se juntarem a este projecto, mais pessoas poderão ser impactadas», sensibiliza.

E qualquer organização se pode associar a este Banco de Horas. Basta entrar em contacto com a Academia Doutor Finanças, que fará depois a análise da melhor forma de apoiar. Igualmente, «as entidades interessadas em receber formação em finanças pessoais contactam a Academia, submetendo a sua candidatura», após a qual avaliam a situação e dão resposta ao pedido.

Aumentar a literacia dos universitários

No geral, o Banco de Horas destina-se a todas as entidades e as suas pessoas, refere o CAO, porém um dos projectos, que conta com o apoio do Bison Bank, está focado num público específico: estudantes do ensino superior. «A esta iniciativa podem candidatar-se as faculdades, as associações de estudantes ou outros organismos associados, como núcleos de estudantes.» E este público-alvo não surge por acaso. «Para nós, é um público determinante para a evolu-

«É preciso munir as pessoas de conhecimento, porque teremos todos a ganhar enquanto sociedade.»

ção da nossa sociedade», defende. «Começar a semear conhecimento financeiro de uma forma mais abrangente pela sociedade é fundamental.»

Numa fase disruptiva das suas vidas, estes jovens «estão a terminar estudos e a prepararem-se para entrar no mercado de trabalho», destaca Sérgio Cardoso. «Desde o que vão ganhar a como podem gastar o seu dinheiro, há um sem número de temas a partilhar com eles, que podem fazer toda a diferença nas decisões que vão ter de tomar em breve.» Por isso, ga-

rante que «preparar esta geração para a realidade que vão encontrar e quais as soluções que têm pela frente» é essencial para o Doutor Finanças.

A primeira edição deste Banco de Horas arranca com uma “dupla de peso”. Do lado do Doutor Finanças, mais concretamente a Academia, fica a responsabilidade de realizar a formação propriamente dita, com uma equipa certificada e especializada no tema, dando resposta às solicitações de associações de estudantes, núcleos de alunos ou outros organismos associados às instituições de ensino superior. Do outro lado, «o Bison Bank, que também reconhece a relevância e os desafios desta temática, decidiu juntar-se ao Doutor Finanças e disponibilizou 50 acções de formação», realça.

Juntas, estas duas entidades pretendem realizar um total de 100 sessões em instituições de norte a sul do País, para quem está na fase de transição para o mercado de trabalho, abordando temas como as novas responsabilidades enquanto contribuinte, como descodificar o recibo de vencimento, como fazer um orçamento pessoal, ou como aproveitar o IRS Jovem.

Sérgio Cardoso dá nota que 12 delas já aconteceram e estão agendadas 26. «No total, mais de 600 alunos já usufruíram destas sessões», abrangendo entidades de norte a sul do País, como ISCTE, ISCAL, UTAD, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, ISEG e Nova Medical School. «Uma grande surpresa tem sido o facto de a maior parte dos pedidos serem de faculdades dedicadas à formação em Economia e Gestão.»

Além de promover literacia financeira nas camadas mais jovens e ajudar a colmatar uma falha no currículo escolar, outro dos objectivos do Banco de Horas é alcançar o maior número de pessoas. «Neste sentido, um dos focos é garantir que há diversidade geográfica e de formação entre os formandos, precisamente para garantirmos que estamos a fazer algo mais abrangente.»

Case Study

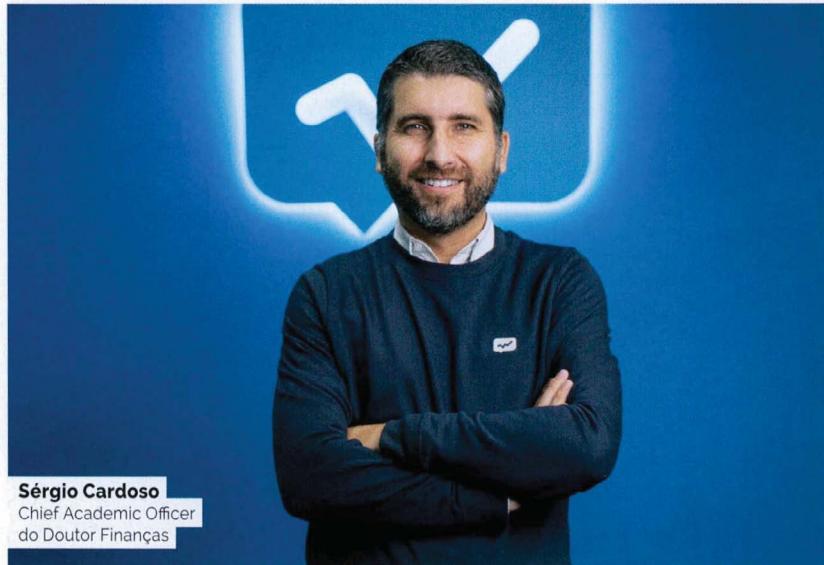
Reiterando que «os estudantes são um público vital para garantir uma sociedade mais equilibrada no futuro», deixa a pergunta: «se não permitimos que os nossos jovens avancem para a vida profissional sem formação adequada, porque permitimos que encarem a vida sem conceitos que sabemos serem fundamentais?».

Porém, a Academia Doutor Finanças não vai ficar por aqui. Além dos universitários, estão também a focar as faixas mais jovens do ensino secundário, tendo já realizado algumas sessões em escolas do segundo ciclo ao secundário, e estão a «preparar um projecto de grande alcance para este segmento, mas ainda é cedo para avançar com mais detalhes».

Pretendem, também este ano, lançar um curso de investimentos, onde serão abordados os temas mais relevantes. O objectivo é «demonstrar que investir é para todos e que quem faça o curso saia a saber investir», salienta. «Adicionalmente, estamos também a desenvolver conteúdos para serem disponibilizados em formato e-learning.»

Os impactos da iliteracia financeira

Com a Doutor Finanças há quase 10 anos a ajudar «os portugueses a tomarem melhores decisões financeiras», Sérgio Cardoso reconhece que, em Portugal, os níveis de literacia financeira não são bons e «ainda existe muito espaço para melhorar». Aliás, «os inquéritos que têm sido publicados são reveladores desta realidade. Portugal é o segundo pior país da União Europeia no ranking de literacia financeira. Só a Roménia tem piores conhecimentos.» Para o CAO, este é o dado mais ilustrativo de como o nível de literacia financeira está mal no País. «Não



Sérgio Cardoso
Chief Academic Officer
do Doutor Finanças

podemos esquecer que o impacto da iliteracia financeira vai muito além das questões financeiras.»

A verdade é que, a seu ver, numa década pouco mudou. «Houve pequenos avanços, e com pouco alcance.» Ainda que actualmente já se encontrem algumas referências de literacia financeira nas escolas, considera que «não é algo que seja transversal, nem que acompanhe devidamente os alunos ao longo do seu percurso académico». E «depende muito até da capacidade dos professores, sendo que, tal como a generalidade da população, os próprios professores têm muitas dúvidas, o que significa que eles próprios não conseguirão partilhar a informação devidamente aos alunos».

Analisando a sociedade de uma forma mais ampla, recorda que, nos últimos anos, as famílias foram impactadas por «níveis de inflação sem precedentes e um

aumento significativo dos juros» e assegura que, «mais uma vez, as pessoas não estavam preparadas para este contexto».

Para inverter essa realidade, acredita que «falta dar bases estruturadas à população e garantir a presença, de forma transversal, destes temas nos currículos académicos». Até porque, tal como comprovam diversos estudos, «quando as pessoas dominam estes temas tomam melhores decisões financeiras» e, mesmo correndo outros riscos, são tomados de forma consciente. «Actualmente, há muitas pessoas com investimentos que não sabem em que estão a investir ou qual o risco que correm com aqueles activos.»

É, por isso, fundamental «munir as pessoas de conhecimento, porque teremos todos a ganhar enquanto sociedade», realça, acrescentando que uma sociedade com um «grau de conhecimento elevado evita uma série de desafios. Se as pessoas que contrataram crédito tivessem consciência do que poderia acontecer às taxas de juro, provavelmente teriam optado por outras decisões em termos de financiamento», exemplifica. «Ou até podiam ter tomado a mesma decisão, mas sabiam que se deviam preparar para outras eventualidades.»

«Numa empresa com 100 colaboradores, há mais de seis mil horas por ano em que não há produtividade, devido ao stress financeiro.»



Entre os temas financeiros que mais preocupam os portugueses, Sérgio Cardoso partilha que, maioritariamente, dizem respeito ao dia-a-dia. «Questões relacionadas com créditos, com impostos e com gestão do orçamento familiar. Estas são as preocupações.» Muitas pessoas também recorrem ao Doutor Finanças em busca de informação sobre investimentos, «não por ser uma preocupação, mas por ser uma área de interesse cada vez maior».

Tema esse que, juntamente com fiscalidade, é um dos mais requisitados por parte dos cidadãos entre o variado leque formativo que a Academia Doutor Finanças disponibiliza. Já entre as organizações, a maior procura recai na capacitação em conceitos básicos de finanças pessoais, como o orçamento familiar. «Temos sido muito procurados pelas empresas que se aperceberam que as suas pessoas têm dificuldade em lidar com as suas finanças, não sabem o que fazer, como fazer, ou quando. E têm procurado uma resposta para lhes dar soluções.»

Até porque vários estudos comprovam que a ansiedade financeira pode afectar os colaboradores e ter impacto significativo na sua produtividade. «O inquérito da PwC, Employee Financial Wellness Survey de 2023, mostra que 76% dos colaboradores assumem ter problemas de produtividade e que usam três horas por semana, do seu horário de trabalho, para resolverem problemas financeiros pessoais», faz notar Sérgio Cardoso. E não é caso isolado. «É impossível pensar que uma pessoa com problemas financeiros consegue estar focada no seu trabalho», diminuindo a concentração e originando ansiedade. «E é uma bola de neve. Problemas do foro pessoal afectam o desempenho laboral, não tenhamos dúvidas.»

Aliás, o referido inquérito permitiu ao Doutor Finanças desenvolver «um simulador para que os gestores possam tentar perceber qual é a realidade da sua empresa», demonstrando factualmente que, além das consequências negativas nos profissionais, a ansiedade financeira também acarreta impactos de

várias ordens para a entidade empregadora, nomeadamente no desenvolvimento da própria actividade.

«Numa empresa com 100 trabalhadores, em média, 44 colaboradores estão preocupados com o pagamento de despesas correntes e assumem que esta é uma fonte de distração no trabalho», explica. Mas, mais do que isso, nessa mesma empresa «há mais de seis mil horas por ano em que não há produtividade, devido ao stress financeiro. E, tendo em consideração que o salário médio em Portugal é de 1326 euros, uma empresa com esta realidade investe mais de 61 mil euros em salários sem qualquer contributo para a produtividade.»

Mas o impacto não fica por aqui. «Os dados mostram que, entre as pessoas que referem estar com problemas financeiros, 36% estão à procura de uma nova oportunidade de emprego.» Por isso, conclui peremptoriamente: «As empresas que ignorarem estas questões arriscam-se a assistir a um aumento da rotatividade nas suas equipas.» ■

